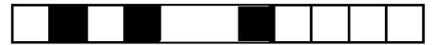


A atmosfera de paz, sugerida pela costumeira calma do lugar, nem de longe reflete a perturbadora realidade a rondar os moradores repousantes em profunda inconsciência. Na noite de temperatura amena, nem o frio, nem o calor excessivos criam empecilhos ao sono mais reparador, permitindo-se dormir coberto apenas por um fino lençol, ou uma manta das mais leves. Assim protegidos dormem os habitantes da humilde moradia, mais uma choupana que uma casa comum.

Os sapos do pequeno lago detrás da casa alternam verdadeiros rebuliços coaxantes – emitindo sons os mais variados possíveis às diversas espécies daqueles anfíbios – com momentos de absoluto silêncio, ajudando a criar um ambiente dos mais tranquilizadores.

Contudo, nas horas mais avançadas da madrugada, ainda antes de o alvorecer se anunciar a partir do nascente, Bano levanta do chão ao lado da cama, sobressaltado, ainda fadigado a se deba-



ter com a lembrança do que acaba de lhe acontecer. Seu agressor, além de fisicamente avantajado, agiu com extrema perversidade, pois mesmo se esforçando à exaustão não foi possível escapar das mãos do meliante, nem fugir aos safanões recebidos sem nenhuma piedade. “Imagine só se ele tivesse conseguido me acertar um murro direto naquelas mão grande e pesada!” – pensa o pobre homem. “Num tinha sobrado nada de mim!”

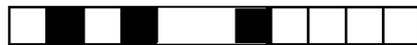
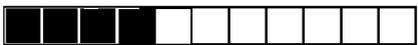
Completamente zozno, vendo as paredes rodopiarem, levanta-se e olha a porta ainda aberta. O que será que aquele bandido quer com Amelinha? – A cabeça ferve, virada em furacão.

Perturbado e cambaleante corre apressado na direção da porta a espiar lá fora a escuridão. Conhece o ambiente como a palma da mão. Ali foi criado desde que nasceu. Por isso não terá dificuldades para averiguar o entorno da casa na tentativa de descobrir para onde o delinquente terá levado a mulher. E para que a terá levado?

Mas, não percebendo ali o menor sinal das presenças do raptor ou de Amelinha, sua confusão só faz aumentar. Lamenta a perda da consciência quando bateu a cabeça. Se tivesse conseguido permanecer em plenos sentidos, com certeza, não teria permitido o rapto.

O criminoso certamente terá tomado o caminho que conduz à estrada de rodagem, o que propiciará certa facilidade na sua perseguição. A estrada não passa duma vereda por onde os moradores do lugar transitam quando precisam ir ao povoado, ou a outros lugares. Ninguém consegue trafegar por ela, principalmente de carro, sem ser percebido por todos os moradores. Qualquer forasteiro que se aventurar por ali jamais passará despercebido, o que é uma vantagem, pois, logo ele encontrará alguém que lhe dará notícias do fugitivo.

É bem verdade que, na madrugada ainda escura, será difícil encontrar um morador percorrendo o caminho. Contudo, animado o fato de o dia não tardar muito a amanhecer, além de que, sendo veloz ao correr, poderá alcançar o malfeitor ainda perto.



Mesmo ainda trajando roupas de dormir – calção e camiseta já desgastados pelo uso de longa data – inicia desabalada corrida na direção da estrada. Não há tempo para raciocinar porque, antes de qualquer coisa, quer de volta a mulher.

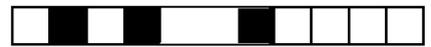
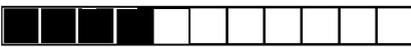
O relevo do lugar é bastante acidentado, o que constitui um complicador à fadiga causada pela corrida carreador acima. Aquilo é coisa que, normalmente, ele nunca faz, pois a ingremidez é demasiado acentuada, e toda vez que empreende a verdadeira escalada que é aquele percurso, mesmo a passos lentos, chega ao final sem fôlego e de pernas bambas. Não naquela noite! Nem a intensa treva, só em pouco amenizada pelo reflexo das estrelas, constitui obstáculo ao seu objetivo, pois alcançar o raptor e resgatar a mulher é a coisa mais urgente que tem a fazer.

Atordoado pelo inusitado dos acontecimentos, mesmo depois de certo tempo daquela louca perseguição, ainda não percebeu a distância já percorrida na pequena estrada, a cada passo percebendo o desespero mais lhe invadir o juízo.

Sua obsessão o impede de perceber o cansaço lhe solapando a resistência; menos importância ainda ele dá ao calor provocante da abundância do suor a lhe escorrer pelo rosto a partir dos cabelos. Toda a sua preocupação está focada no que estará passando Amelinha nas mãos daquele desconhecido.

Cegamente prossegue na captura ao meliante, até sentir as pernas bambas obrigando-o ao repouso sobre uma das pedras da margem da estrada. Ainda não percorreu grande distância, mas o cansaço já o impede de avançar com a urgência desejada.

Sentado, mas ainda ofegante, percebe a aurora já anunciando o amanhecer. Ela precede o sol cujo esplendor em breve sobrepujará o brilho das estrelas, delineando o horizonte sempre muito estreito a encimar os montes ali abundantes. E, na mesma proporção em que o alvorecer resplandece o novo dia, cada vez mais



nítidos se revelam os morros a pulularem em todas as porções daquele rincão.

Na lucidez, por vezes recuperada, o caboclo chega a considerar a possibilidade de desistir para voltar a casa, pois o que vê acontecer mais parece loucura que realidade. No entanto, logo desiste da ideia. Amelinha não conta com mais nenhum parente a quem possa recorrer, e é sua responsabilidade, como marido, protegê-la sempre e em qualquer circunstância.

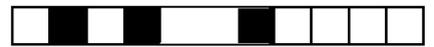
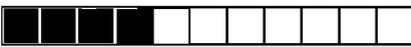
De modo que não poderá dispensar-se da obrigação de resgatá-la, seja a que preço for. Afinal, será impossível ficar em paz sabendo que ela é refém dum sujeito que ele não sabe quem é, nem atina com os motivos por que a raptou da cama em plena madrugada, enquanto dormia. E além de tudo, não será fácil aos seus vizinhos e parentes compreender como sua mulher lhe foi subtraída por um estranho sem que ele nada faça para retomá-la.

A confusão por que está passando não lhe permite perceber os acontecimentos com a naturalidade de uma pessoa normal. Não lhe incomodam as dores nos pés descalços como estavam na cama, nem as vestes de dormir que ainda usa, praticamente em pleno dia. Sua mais ferrenha determinação é resgatar a mulher, mesmo contra todas as improbabilidades a se lhe revelarem.

Convencido de estar no rastro certo do bandoleiro – já que não há outro caminho –, ele não desistirá enquanto não o alcançar e ir à vingança.

Uma das possibilidades é a de que o malfeitor esteja utilizando uma condução – jipe ou perua – porque no pó da estrada não se vê as pegadas dele, nem as de Amelinha, nem qualquer outro vestígio que denuncie a passagem deles por ali.

Então é preciso alterar a estratégia, diminuindo a velocidade da marcha para economizar energia, porque a caminhada, com certeza, será bem longa e cansativa. Mas ele não desistirá enquan-



to não puser as mãos no fugitivo, mesmo que seja preciso caçá-lo pelo mundo inteiro, indo até as profundezas do inferno!

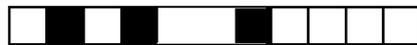
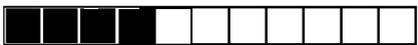
Ele não descansará enquanto não der uma lição naquele brutamonte, covarde raptor de mulheres indefesas.

A manhã ensolarada já vai avançada, por volta de nove e meia, quando Bano entra no vilarejo do Barro Preto, o mais próximo de sua casa. As coisas que lhe estão a acontecer, por todos os meios razoáveis de pensar, é uma das piores loucuras passíveis de acometer um ser humano.

Lá consigo mesmo ele especula sobre o que pensará qualquer pessoa que venha tomar conhecimento do seu drama? Sua tribulação tem tudo de um pesadelo dos mais perversos, e jamais se aproximará sequer da sombra da mais inimaginável realidade!

Sendo tão perturbadoramente irreais, ele não quer ninguém se inteirando de suas desventuras. Por isso limita-se a esquadriñar o pequeno povoado, se negando a conversar com quem quer que seja. A pequenez do lugar permite, apenas de um ponto, ver todos os seus logradouros, pois ali não há mais que duas dúzias de construções, distribuídas entre moradias e pequenos estabelecimentos comerciais, além da capela e uma escola.

Porém, mesmo sendo o lugar assim tão diminuto, não consegue vislumbrar o menor resquício do fugitivo! Então, ainda que muito o desagrade, não lhe resta outra coisa a fazer que não seja obter informações junto às pessoas do lugar. E, mesmo desenhado, agora corre a indagar a qualquer indivíduo de quem se apro-



xime: – Ocê viu passano por aqui um home preto, bem grande, cuma muié branca duns vinte ano?

A maioria dos interpelados enfatizam negativamente suas respostas, já que ali, dado o tamanho reduzido do lugar, a coisa mais difícil de perceber é a presença de forasteiros. Quando aquilo acontece o estranho não passa um minuto sequer sem ter sua figura esmiuçada pelos moradores.

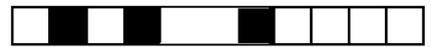
Ali os viajeiros são minuciosamente observados, desde o porte físico e a cor da pele até o jeito de andar ou falar. E atenção maior ainda é dispensada às vestimentas das forasteiras, que nunca passam despercebidas das mulheres do lugar, sempre ávidas por novidades daquela natureza.

Desse modo a empreitada do caçador do ladrão de mulher se torna ainda mais trabalhosa. A primeira pessoa a quem indaga – uma típica cabocla do lugar, cheia de pudores – se apressa em fugir ao incômodo, apenas acenando negativamente a cabeça. E a mesma coisa acontece com mais alguns, desconfiados daquele varão estranhamente trajado, com pressa e sem rumo no caminhar.

Até que um daqueles sujeitos lá residentes, mesmo encarando como birutice sua prosa, mas querendo divertir-se às suas custas, deixa-o convencido de estar no rumo certo: “Hoje logo cedim, eu vi esse home e essa muié imbarcano na jardinêra pra Serra dos Mulato”.

Surgiu a primeira pista! Entretanto, desconfiado, ele precisa da confirmação daquilo que ouviu. Por isso, sem atentar ao fato de que o seu jeito de conduzir o assunto induz as pessoas a responder o que mais deseja ouvir, corre a indagar de mais alguns: – Fiquei sabeno que êis passaro por aqui, mais quero tê certeza: ocê viu êis embarcano? – Essa é sua frase tantas vezes bisada.

Ante o desmazelo de sua figura, e da prosa sem sentido, para se livrarem logo do incômodo alguns desocupados dizem-lhe mentiras ao informar terem visto embarcando um homem e uma



mulher correspondentes à descrição que ele faz. E as respostas obtidas, ao contrário de servirem de balizadores às suas decisões, acabam criando ainda mais confusão em sua cabeça já tão atribulada, deixando-o ainda mais ababelado. Uns dizem uma coisa, enquanto outros a desmentem para dizer o contrário. E as diferentes informações o obrigam à confrontação entre elas, levando-o a desconsiderar as negativas para se convencer de estar na pista certa.

Então, agora não lhe resta outra coisa a fazer que não seja viajar para a Serra dos Mulatos com toda a urgência de que for capaz.

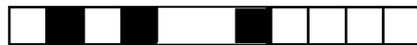
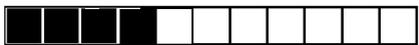
Pensando bem – mesmo atribulado, ele avalia –, Serra dos Mulatos seria o lugar mais apropriado para o bandoleiro manter a mulher em cativo. Muitas vezes já ouviu comentários sobre aquela cidade, e sabe ela ser bem maior que o povoado onde ele está; certamente lá é um lugar onde as pessoas não se importarão tanto com a vida alheia, o que na certa facilitará as artimanhas do bandido.

E agora seu drama se avoluma ainda mais. A cidade aonde agora deseja chegar está a aproximadas dez léguas a sudeste do povoado do Barro Preto onde está. E, como se não bastasse todo o enrosco a que está submetido, novos ingredientes serão acrescentados ao seu já enorme suplício, cujo final se vislumbra ainda muito alongado no tempo.

Suas novas desventuras começam pela falta de dinheiro para a viagem, além de seus trajos completamente inadequados com que ainda se veste em plena luz do dia. Arrancado da cama pelo meliante como foi, e ciente da urgência dos fatos, não teve tempo nem de pensar no que agora está a lhe envergonhar.

Mas, covardia é sentimento que na vida ele jamais permitiu acometê-lo. Por isso, a qualquer custo, logo se dispõe a dar cabo ao pesadelo.

Antes de agir, necessário é planejar o que fazer. Então, mesmo sua afobação ainda em nada tendo arrefecido, procura pensar nos



meios possíveis de chegar aonde pretende ir. Para isso, considerando o imperativo da recuperação da serenidade, procura assento num tronco tombado ali perto desde a fundação do povoado.

Matutando, acaba convencido de que, em sua atual condição, o único jeito de chegar à Serra dos Mulatos será conseguindo uma carona.

Apesar de tudo, anima-o a nova perspectiva. Assim animado corre ao pé da ladeira principiante logo à frente da povoação e fica a esperar. Ali, mergulhados em enormes nuvens de poeira conduzidas pelo vento, os motoristas se obrigam a diminuir a velocidade, reduzindo as marchas para que seus caminhões suportem suas cargas morro acima.

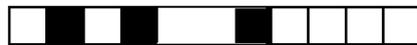
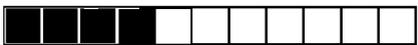
No entanto, nenhum deles dá a mínima importância a seus acenos, passando retos como se não o percebessem, apesar de toda a espalhafates de seus gestos.

A falta de cortesia dos motoristas obriga-o a rever sua estratégia, pois a continuar daquele jeito ele levará uns três dias para conseguir uma carona. Então decide mudar de modos, engendrando agora um meio escuso de atingir o objetivo. Escolhe um dos caminhões que, choro e devagar, se arrasta sob a carga excessiva para a sua capacidade, subindo-lhe pela traseira sem que o condutor o perceba.

O caminhão, apesar do médio porte, é dos mais potentes, pois, mesmo alquebrado sob o peso de muitas toneladas avança ladeira acima, preguiçoso, mas inspirador de confiança.

Sendo um caboclo corajoso e destemido, ainda assim – quando o caminhão começa a descer íngremes ladeiras de marchas engrenadas, transpondo pontes nem sempre seguras e beirando precipícios – perpassam-lhe alguns arrepios. Toda vez que um perigo maior se aproxima, tentando não perder o equilíbrio e desabar lá de cima, com mais firmeza ele se agarra às cordas.

Clandestino sobre a carga, não tem a menor ideia de onde o caminhão irá parar. Mas é imperioso não ser descoberto pelo



motorista, sob a pena de ser considerado um salteador. Assim se deixa levar por algumas horas, até um posto de combustíveis aonde o motorista faz uma parada para reabastecer.

Antes de ser descoberto sobre a carga, desliza para o chão, e logo se apresenta como alguém que apenas busca informações. Distante de casa, sob nenhum pretexto será de bons auspícios a imposição de dignidade pessoal. Assim pensando, procura não se aborrecer com as caras de espanto ou desdém dos frentistas diante de sua desmazelada figura.

Interiormente lamenta ter ultrapassado o caminho que deveria seguir para chegar ao destino, estando agora ainda mais distante de lá do que quando embarcou sorrateiramente no caminhão. “Num tô cum sorte!” – lamenta. No entanto, não é homem de desistir. E mesmo que já não possa resgatar a mulher com a urgência desejada, resolve continuar sua busca, certo de que uma hora a encontrará.

Agora não quer mais sentir o mesmo medo de quando viajava clandestinamente na carroceria do caminhão. E ainda que as informações obtidas acerca do percurso que ainda tem pela frente não sejam nada animadoras – notadamente quanto à distância, às pedras no caminho e à poeira –, prefere seguir a pé, retornando pela mesma estrada já percorrida em sentido contrário.

Pelo que ficou sabendo, deverá consumir pelo menos uns três dias para vencer as aproximadas dez léguas a ainda separá-lo do objetivo. Mesmo assim não permite ao desânimo impedi-lo, já que nobre é a causa. Àquela altura dos acontecimentos o tempo é apenas um detalhe, que, certamente, não o impedirá de cumprir sua missão.

* * *